

Gestos e espaços para novíssimos sentidos

Marcela Vieira

curadora da exposição

Existem maneiras distintas, conscientes ou não, de adentrar um espaço e de a partir dele produzir sentidos, associações e, por extensão, novas memórias. Há, por exemplo, quem adentra um espaço e se deixa distrair por uma palavra, por um olhar, relances, algum acontecimento que pertença à insondável competência do afeto. Há, também, quem adentra um espaço esquadrinhando-o, detectando seus ângulos, planos, quadrantes, iluminações. A distinção entre essas percepções que estamos constantemente a experienciar é de natureza íntima e nem sempre pronunciada. Entretanto, essas dinâmicas são sempre suscetíveis de serem manifestas pela representação via recursos narrativos ou especulativos.

Nada impede, contudo, que diferentes formas de experimentar a circulação por um espaço se amalgamem, dando origem a eventos excepcionais: as percepções estruturais se deslocando para o terreno sensorial, ou, em sentido inverso, as percepções físicas passando para o registro geométrico, conforme movimento e cadências de ritmo. A exposição “Truque”, de Ilê Sartuzi, instalada no MAC-USP, apresenta algumas dessas conjecturas de observação e de possibilidades espaciais, ao destacar tanto a estrutura (e a infraestrutura) do espaço expositivo quanto ao ativar propriedades do corpo em ardiloso movimento coreografado.

Durante a fase de produção de “Truque”, chamou atenção a estratégia processual de Sartuzi, que envolveu detalhada pesquisa sobre a estrutura do museu e acordos com diferentes instâncias institucionais, abrangendo desde curadores até a equipe de segurança e corpo de bombeiros, todos debruçando-se em negociações em torno do escopo arquitetônico. Se por um lado temos a dedicação às considerações referentes ao espaço, via estudo da planta (esta que, vale mencionar, participa de “Truque” como documentação, ou, se quisermos, como obra independente), é igualmente notória a informação de que grande parte do conjunto dessas obras – a saber, *Turn Me Off*, *Sinal*, *Alarmes: sinfonia para museus*, *Vigilante*, *beep* – partiu de uma experiência especulativa, visto que tiveram origem em texto. A informação tem sua curiosidade, pois revela que Sartuzi, antes de passar a decisões visualmente estéticas, aprofunda-se em uma

abordagem a princípio técnica, recolhendo vocabulário, perspectivas e noções a respeito do seu objeto. Antes de finalmente chegar à *imagem*, que potencialmente concentra a novidade, ou, idealmente, alguma possibilidade de transformação, a produção de Sartuzi costuma se nutrir de variados modelos linguísticos, como o literário, o arquitetônico, o teatral e o coreográfico, como veremos a seguir.

A videoinstalação em dois canais *Sleight of Hand*, gravada no British Museum, em Londres, e agora exposta em “Truque”, confirma o interesse de Sartuzi pelo estudo do espaço, só que desta vez o espaço expositivo será abordado estrategicamente como palco de uma operação que pode ser identificada entre a operação do furto e do passe de mágica, no que ambas atividades têm em comum (*sleight of hand* é a denominação para o efeito ilusionista de manipulação de um objeto fazendo-o desaparecer aos olhos do outro). Para executar esse passe cuidadosamente premeditado, faz-se necessária a presença do outro, pois, sem ele, nem a mágica nem o furto teriam seu ciclos realizados, e configurar-se-iam como mero treinamento. Para que a ação de *sleight of hand* se conclua, seu executor deve operar dentro de um sistema múltiplo de signos que supõem elementos rítmicos, espaciais, visuais e psicológicos. Por lidar com um conjunto de fatores que não dependem exclusivamente de sua performance, o ladrão, ou o mágico (nesse sentido eles se assemelham intimamente), de forma onisciente, está sensível aos agentes exteriores aos seus próprios gestos ou movimentos, e, também por isso, mesmo a mais aperfeiçoada preparação para o ato supõe grande margem de erro. Quando bem-sucedidos, o que o furto e a mágica deflagram é a consequência do ato – do gesto, do passe – e nunca o ato em si.

As operações propostas pelos truques exigem uma reconfiguração da gestualidade e uma tentativa de criar agenciamentos rítmicos entre os corpos, na tentativa de se inscrever na ordem supostamente natural da situação em que se está prestes a intervir. A fluência no ritmo, mesmo que seja para dele participar sincronicamente, supõe uma intervenção na realidade, ainda que a intenção, neste caso, seja a de se camuflar aí, simulando espontaneidade. A partir de então, ou seja, da operação de elementos concretos e reais, alguma transformação pode ocorrer, abrindo inéditas possibilidades de percepção. Em *Sleight of Hand*, a ação de mágica, ou roubo, praticada pelo artista, depreende uma mudança de sentidos, abrindo margem para uma linguagem que tanto pode ser utópica e efabulativa, quanto pode ser crítica em relação a essa realidade.

Em *Sleight of Hand* percebe-se outro recurso recorrente na poética de Sartuzi: o estudo dos corpos. Se em trabalhos anteriores esses corpos estão representados mecanizados ou artificialmente via manequins muitas vezes desmantelados, em *Sleight of Hand*, as personagens são reais e experienciam extrema apreensão diante da situação a que estão expostas. Por serem anônimas – seus rostos nunca nos são revelados – e silenciosas (o vídeo é regido apenas por trilha sonora que enfatiza o ritmo e a indefinição do desfecho), nossa atenção, enquanto espectadores, é orientada para a coreografia improvisada que intuitivamente se fez necessária para o sucesso da empreitada.

E por falar em coreografia, e em configurações do espaço, somos convocados a adentrar esta exposição não mais como espectadores, mas como agentes capazes de ativar as estruturas do ambiente, fazendo-o “falar” e reagir aos nossos percursos e movimentos. Há uma obra em “Truque”, entretanto, que nos interpela, também devido à sua característica pictórica, contrastando com todos os recursos tecnológicos explorados na mostra: *The Vanishing Coin*, cópia que o artista fez de uma pintura de sua própria autoria, faz presente mais um corpo anônimo (não vemos seu rosto ou cabeça), e se destaca como um enigma, criando uma sugestão *mise en abyme* para uma mostra sob efeitos de reproduções, réplicas, ou, se preferimos, truques, de uma minuciosa sobreposição de autorreferências que funcionam como bonecas russas, abarcando inusitadas camadas de espaço e elaborados jogos de corpos.